

CULTURAS INFANTIS DE TERREIRO: EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS DE CRIANÇAS PEQUENAS VIVENCIADORAS DE TRADIÇÕES DE MATRIZ AFRICANA

GABRIEL BETTIOL GODINHO¹; PRISCILLA PINHEIRO LAMPAZZI²; RITA DE CASSIA TAVARES MEDEIROS³; MÍRIAM CRISTIANE ALVES⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – gbettiolg@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – priscillapinheiro@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – redefreinet@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa em andamento tem como objetivo compreender de que modo crianças na primeira infância produzem culturas infantis de terreiro e experienciam o racismo e o racismo religioso em espaços de acesso a políticas públicas de saúde e de educação. Está inserido na grande área das Ciências Humanas, com interfaces no campo da educação e da saúde, e compõe as atividades do “Núcleo de Estudos e Pesquisas E'LEÉKÒ: Agenciamentos Epistêmicos Antirracistas e Descoloniais”.

Busca, ainda, a produção de problematizações, reflexões e construções teórico-práticas tendo como centralidade crianças de terreiro, pretas e periféricas; a insurgência de epistemologia e metodologias pretas no campo dos estudos sobre primeira infância; a enunciação de uma cultura infantil de terreiro; e a compreensão sobre os efeitos do racismo e do racismo religioso nas experiências e narrativas das crianças pequenas em espaços externos à comunidade de terreiro, especialmente os de acesso a políticas públicas de saúde e de educação.

Para enunciar a localização teórica e epistemológica do constructo comunidade tradicional de terreiro de matriz africana, partimos do conceito de “comunidade de terreiro”, inaugurado por SANTOS (2012, p. 38), ao fazer referência a “um espaço onde se organiza uma comunidade – cujos integrantes podem ou não habitá-lo permanentemente – no qual são transferidos e recriados os conteúdos específicos que caracterizam a religião tradicional negro-africana”. ALVES (2012) refere que a comunidade tradicional de terreiro de matriz africana tem “um foco de interesse e um sentido de existência fundamentado nos valores civilizatórios negro-africanos” (p. 65); se “materializa simbólica, concreta e territorialmente por meio das inter-relações, socializações, conexões entre os universos visível e invisível”; é forjada “na singularidade e diversidade dos sujeitos e das nações e culturas negro-africanas que constroem a identidade de cada terreiro”; é edificada na luta pela preservação e continuidade dos “valores civilizatórios das culturas negro-africanos no Brasil” (p. 67-68).

Quanto ao construto culturas infantis, partimos da compreensão que elas se estruturam nos pensares, sentires, dizeres, saberes e fazeres engendrados, reconhecidos e partilhados em atividades cotidianas coletivas (FERREIRA, 2002, p. 120). Segundo a autora, há necessidade de conceber uma condição de criança socialmente construída no dia a dia, na experiência de relação direta e implicada com o outro – adultos e crianças, em contextos sociais específicos e diversos. Deste modo, a reconfiguração dessa experiência relacional em eventos estáveis e duradouros torna-os patrimônio cultural inerente ao grupo de crianças.

Diante destas ideias-conceitos, nos questionamos: de que modo crianças pequenas (de zero a seis anos de idade) produzem culturas infantis de terreiro?

Como suas narrativas expressam vivências diante do racismo e racismo religioso a que estão expostas em espaços externos à comunidade tradicional de terreiro de matriz africana? O quanto essas violências produzem efeitos na infância de terreiro?

2. METODOLOGIA

A perspectiva epistemológica de Ciência é tomada como uma forma de produzir questionamentos, reflexões, problematizações e construções COM pessoas, grupos, comunidades numa relação sujeito-sujeito, em que o lugar de enunciação importa. O processo investigativo tem sido mais “com” as crianças do que “sobre” elas, de modo que tenham uma participação ativa, central e insubstituível numa relação sujeito-sujeito, para, assim, conhecermos seus anseios, desejos e necessidades através de lentes de aumento sobre suas vidas e culturas infantis (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010).

São participantes crianças de terreiro, de zero a seis anos de idade, suas responsáveis legais (pessoas adultas maiores de 18 anos) e uma liderança de sua comunidade tradicional de terreiro de matriz africana, que se dispuseram a contribuir com as discussões propostas pelo projeto.

Estamos utilizando diferentes instrumentos e técnicas de coleta de informações, alguns para pessoas adultas, outros para as crianças: questionário, entrevista semiestruturada, entrevista dialogada mediada pela ludicidade, análise documental, observação participante e diário de campo. Essa escolha é construída pela necessidade de compor, conjugar e complementar informações sobre a primeira infância de terreiro, que está para além das crianças.

As informações coletadas por meio dos diferentes instrumentos e técnicas estão sendo tratadas separadamente, de maneira que cada fonte produzirá um *corpus* particular de análise. Para o estudo do conjunto das informações, haverá cotejo entre os diferentes *corpus* de análise a partir da construção de um gira-mapa. Este tem como propósito visibilizar a relação de interdependência entre os temas abordados e construir uma confluência entre textos e imagens, considerando-se que a maior riqueza interpretativa se dá na interação permanente das técnicas e métodos entre si.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina (CEP/FAMED), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), por meio do parecer número 5.383.300.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O campo da sociologia da infância tem nos ensinado que as crianças são atores sociais porque interagem com as pessoas, com as instituições, reagem frente aos adultos e desenvolvem estratégias de luta para participar no mundo social (DELGADO; MULLER, 2005). Diante desta afirmativa, levantamos alguns questionamentos: em que medida crianças de terreiro têm suas experiências escutadas, visibilizadas, afirmadas enquanto potência de vida? Qual a ética do cuidado que perpassa a infância de terreiro?

FONSECA (2002) e CAPUTO (2006; 2020) afirmam que as infâncias afrodiáspóricas possuem um atributo que as diferenciam das composições familiares ocidentalizadas. A ampliação do sentido do cuidado, que permite a distintos entes a responsabilidade com a vida das crianças, é uma característica das populações negras, de terreiro e periféricas que apresentam outras estratégias e soluções para viver.

Pesquisar infância de terreiro, infância negra e infância periférica nos coloca num ambiente de compromisso político, social, cultural e ancestrático, principalmente quando nos deparamos com a necessidade de constituir uma pesquisa com comunidades tradicionais de terreiro de matriz africana (SISS; FRANCISCO, 2020). Deste modo, para a construção inicial do processo de coleta de informações, estamos realizando um conjunto de visitas e diálogos com quatro comunidades tradicionais de terreiro da cidade de Pelotas e uma de Rio Grande - cidades localizadas na região sul do estado do Rio Grande do Sul.

Essas primeiras incursões foram iniciadas a partir de comunidades de terreiro com as quais temos alguma aproximação ou vínculo, facilitando, assim, a entrada na comunidade e o diálogo inicial com lideranças e familiares das crianças. A partir desses primeiros diálogos e observações nos chama a atenção as narrativas das lideranças que enunciam memórias sobre suas infâncias que nos dá pistas de uma cultura infantil de terreiro, conforme podemos observar no trecho do diário de campo de uma das pesquisadoras:

[...] Conta-nos que iniciou na religiosidade, bem criança, acompanhando sua tia. Fazia as pessoas baterem cabeça pra ela, incorporava nas brincadeiras e falava feito entidades, de longe sua tia chamava a atenção e imediatamente voltava ao normal. Narrou a experiência de uma terreira de crianças, que acontecia sempre às quartas-feiras, no pátio onde residia, no qual mulheres médiuns faziam uma terreira com as crianças, todas com as roupas brancas da religião. Mãe [...] disse que era uma terreira normal, com todos os ritos e linhas de umbanda. [...] Hoje ela diz que em sua terreira as crianças participam ativamente em todas as atividades. Algumas, como a tamboreira de umbanda e quimbanda, estão desde crianças na casa. [...] Perguntada sobre a presença das crianças nos cultos de nação, ela explicou que algumas foram iniciadas por saúde, outras são cuidadas (Diário de campo, 30 de junho de 2022).

Diante da narrativa acima, é importante refletir sobre a relação entre cultura infantil de terreiro e cuidado com as crianças. Ao mesmo tempo em que as crianças reproduzem no seu brincar ritos, gestos, falas em torno daquilo que vivenciam cotidianamente nos terreiros, é possível inferir que essa cultura infantil também é fomentada pela pessoa adulta na medida em que as crianças são inseridas e incentivadas a participarem de um conjunto de atividades rituais, organizativas, etc. Falamos de culturas infantis que apresentam na linguagem das tradições de matriz africana, de modo que as crianças são aprendizes do dia a dia de um terreiro, onde vivenciam e aprendem ritos, cânticos, mitos, língua *yorùbá*, danças, atravessando fronteiras impensadas pelas definições da branquitude sobre o que é infância.

BITENCOURT (2018), apresenta a conexão entre a infância e a aprendizagem do toque do tambor em terreiros de Batuque, corroborando a ideia de que a musicalidade presente nas comunidades tradicionais de terreiro de matriz africana é porta de entrada para crianças encontrarem a África existente em cada uma de nós. Uma infância revivente que também difere e tem um ritmo próprio desde dentro dos cultos.

4. CONCLUSÕES

O silenciamento, a invisibilidade e a tentativa de apagamento das tradições de matriz africana em contexto brasileiro evidenciam uma perseguição cosmo-onto-epistemológica edificada pela branquitude ao não reconhecer a legitimidade de diferentes modos de viver a vida, de cuidar das pessoas, de ser, estar e compreender o mundo, de construir culturas infantis.

As análises iniciais têm explicitado a necessidade de rompimento com generalizações sobre infância para, assim, conseguirmos criar políticas públicas que consigam adentrar nas especificidades das infâncias permitindo que crianças de terreiro possam vislumbrar horizontes mais dignos e seguros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Míriam Cristiane. **Desde Dentro**: processos de produção de saúde em uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana. Porto Alegre, 2012. 306 p. Tese (Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MARTINS FILHO, Altino José; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Das pesquisas com crianças ao encontro da infância contemporânea. **Revista Reflexão e Ação**, v. 18, n. 2, 2010. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/login>. Acesso em 12 mar. 2022.

BITENCOURT, Alexandre Carvalho. **Àyán-ilú**: tambor que educa no mandala ancestral das infâncias afro-brasileiras. Santa Cruz, 2018. 88 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2018.

CAPUTO, Stela Guedes. Educação em Terreiros de Candomblé - contribuições para uma educação multicultural crítica. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Educação Intercultural e Cotidiano Escolar**. 1 ed. Rio de Janeiro, 7 Letras: 7 Letras, 2006, v. 1, p. 180-207.

CAPUTO, Stela Guedes. Não Posso ser Negra, Não Posso Cantar pra Ogum, Não Posso ser do Candomblé. Não Posso Nada. In: Bruno Barbosa Heim; Andréa Ominfasina Guimarães; Thiago de Azevedo P. Hoshino; Winnie Bueno. (Org.). **Direito dos Povos de Terreiros**. 1ed.São Paulo: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Urbanístico, v. p. 80-105, 2020

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Sociologia da infância: pesquisas com crianças. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 351-360, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/i/2005.v26n91/>. Acesso em: 09 mar. 2022.

FERREIRA, Manuela. **A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos! As crianças como atores sociais e a (re)organização do grupo de pares no cotidiano de um jardim da Infância**. 736p. Tese (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal, 2002.

FONSECA, Cláudia. **“Mãe é uma só?” Reflexões em torno de alguns casos brasileiros**. Psicologia USP, São Paulo, v. 13, n.2, p. 49-68, 2002.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte**: Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 2012.

SISS, Ahyas; FRANCISCO, Maiza da Silva; FRANCISCO, Mônica da Silva. A criança, terreiro, produção e saberes: apontamentos. **Revista África e Africanidades**, v. XII, n. 33, 2020.